

Eixo 3: Modos de apresentação das consultas atuais: identidades, virtualidades, sintomas e caráter

No umbral da porta do analista

Coordenadores: Camila González Quiroga (EOL) e Valeria Casali (EOL)

Integrantes: Lucia Cerrutti (Neuquén), Roxana Chiatti (Córdoba), Adriana Fanjul (La Plata), Paula Ferder (Buenos Aires), Solana Gonzalez (Buenos Aires), Mariella Lorenzi (La Plata), Miguel López (Tucumán), Aluminé Mattana (Córdoba), María José Mosquera (Córdoba), Andrés Rosental (Paraná), Inés Sotelo (Buenos Aires), Gimena Sozzi (Buenos Aires), Roxana Vega Alonso (La Pampa).

O que leva um sujeito a consultar um analista? Ouvimos desde o início, na contingência, um desarranjo, a emergência de um real traumático que destaca um ponto exterior ao simbólico, um real como impossível de suportar diante ao qual *recorrer à análise implica introduzir um parceiro suplementar*¹. A maneira como alguém se apresenta será já um sinal de seu singular modo de gozar, que tentaremos pôr em forma convidando-o a falar.

A partir da inexistência do Outro, Miller encontra uma axiomática em nosso *partenaire-mundo*: o desejo se transforma em demanda à qual é proposta a oferta infinita de objetos de consumo. *O gozo se insere no direito e é reivindicado por um individualismo crescente*². A evaporação do Nome do Pai, a aliança da ciência e do capitalismo transformando a estrutura tradicional da experiência humana, a aceleração do tempo, a ascensão do objeto ao zênite, a promoção do mais de gozar sem renúncia nem perda, produziram transformações nas manifestações clínicas. Contamos com as ferramentas do ensino lacaniano para ler as coordenadas inéditas da prática, em um chamado a renová-la.

O Sintoma, mais, ainda

¹ Miller, J. A. Teoria do parceiro, *In.*: Escola Brasileira de Psicanálise, *Os circuitos do desejo na vida e na análise*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000, p. 160.

² Miller, J.-A. *El lugar y el lazo*, Buenos Aires, Paidós, 2013, p 82, Tradução livre.

Pode haver um tempo primeiro em que “o sintoma identifica-se para o sujeito com a sua própria vida sem solução de continuidade”³, no entanto, sua face de padecimento é o que precipita muitas vezes a consulta com um analista.

Há uma primeira perspectiva do sintoma: a sua dimensão metáfora, cujo mecanismo constitutivo é recalque. É plausível de ser levantado se, através da análise, se restitui seu sentido. Tem valor de mensagem e constitui um fenômeno de verdade. Mas, já desde *Inibição, sintoma e angústia* lemos outra perspectiva do sintoma, que resiste à interpretação. Trata-se ali do sintoma-gozo. Com Lacan dizemos “sinthoma, conexão real do significante e do corpo”⁴.

Entre as apresentações atuais das sessões, estão as clássicas: o sintoma articulado ao inconsciente apresenta-se como um querer dizer. Mas “há todo um movimento em Lacan, e na época atual, que vai em direção ao sintoma mudo, que não tem nada a dizer. O portador ao qual afeta vem para que o extraiam, o suprimam pelo caminho mais curto”⁵. Em sua indocilidade à historicidade do inconsciente, este tipo de sintoma evoca um lugar preciso na doutrina freudiana, a saber, as neuroses atuais: estados patológicos, cuja manifestação central é a angústia e revelam-se rebeldes à análise.

A clínica contemporânea apresenta a proliferação de atendimentos sob a forma da angústia ou vicissitudes do ato, que não convém ao recalque e que, na falta desse processo simbólico, se precipitam numa resposta que se dá “mais do lado dos desarranjos do gozo que da surpresa do inconsciente”⁶. A priori, não permitem pensar ali um sintoma. O ataque de pânico, que retoma nos manuais diagnósticos o conceito freudiano de “neurose de angústia”, é paradigmático deste tipo de apresentações - já não tão novas, embora frequentes - onde o real se apresenta sem vestimenta simbólica e resiste ao deciframento.

A orientação pelo real implica que, *se o sintoma se basta*, “[...] se por natureza é gozo [...] sua articulação ao inconsciente não parece ser um dado primário”⁷. Se o dado primitivo não é o inconsciente, mas o *sinthoma*, já não estamos mais na clínica do sujeito, mas sim na do *fallasser* ao que corresponde “uma prática pós-joyceana da

³ Miller, J.-A., “C.S.T.”, *Clínica Lacaniana: casos clínicos do Campo Freudiano*, Rio de Janeiro, Zahar, 1989, p. 12.

⁴ Miller, J.-A. *El partenaire-sintoma*, Buenos Aires, Paidós, 2008, p. 387, Tradução livre.

⁵ Miller, J.-A. *El lugar y el lazo*, Buenos Aires, Paidós, 2013, p. 82, Tradução livre.

⁶ Laurent, E. *Sintoma y Nominación*, Buenos Aires, Diva, 2002, p. 47, Tradução livre.

⁷ Tudanca, L., “De abonados e desabonados”, *Textos de orientação do XI ENAPOL*, <http://enapol.com/xi/wp-content/uploads/2023/06/ENAPOL-Luis-Tudanca-PT.pdf>.

psicanálise, que visa restituir, em sua nudez e fulguração, os acasos que nos levaram para cima e para baixo”⁸.

Caráter

Mas o real não esperou pelo século XXI para se apresentar. Freud já localizava uma formação refratária à análise, o caráter, que lia como sendo o pulsional não articulado ao sintoma. Tal como Miller o reformula em *A experiência do real*, este não toma a forma do inconsciente que se decifra, mas a de um “querer gozar”, que não se deixa interpretar. Da sua releitura sobre os “tipos de caráter”, assinalamos, especialmente em relação aos atendimentos atuais, àqueles que se consideram uma exceção: “um direito imprescritível ao gozo”, diz Miller⁹, que têm a sua proximidade à exigência do supereu, “Goza!”

O caráter como intratável, sob os modos de excesso de controle, domínio, saber, poder, rechaça as tentativas de articulá-lo a uma posição subjetiva. Como real refratário que não se deixa interpretar, a única via que se abre diante da sua inflexibilidade é fazer tolo. Para nos dar uma ideia do que ele quis dizer com “tolos de um real sem comungar com ele”¹⁰, Lacan sugere que tratemos o real como Freud tratava o ocultismo. Embora fosse algo em que não acreditava, seguia-o com obstinação e em relação a ele não podei sugerir se não, “demonstrar uma atitude amistosa”¹¹, um modo de aceitar o impossível que não se deixa pegar, “ser flexível frente ao inflexível”¹². Entendemos que é a isto que Lacan se referia ao falar de “fazer o par”¹³, deixar-se tomar, prestar-se. Se “a paciência é a atitude que se impõe diante do real”¹⁴, talvez nos permita acompanhar os pacientes até que se produza certa ruptura do que estava soldado.

⁸ Miller, J.-A., *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Jacques Lacan*, Rio de Janeiro, Zahar, 2011, p. 87.

⁹ Miller, J.-A., *La experiencia de lo real*, Buenos Aires, Paidós, 2004, p. 120, Tradução livre.

¹⁰ Lacan, J. *O Seminário 21: os não tolos erram*, aula de 19/3/74, inédito.

¹¹ Freud, S. “Sonho e Ocultismo”, *ESB Obras Psicológicas Completas*, v. XXII, Rio de Janeiro, Imago 1976.

¹² Fuentes, A., “Hacerse incauto de un real en la clínica del *parlêtre*”, *Freudiana*, n. 92, Catalunya, ELP, 2021, pp. 85-92, Tradução livre.

¹³ Lacan, J., “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”, *In.: Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 569.

¹⁴ Miller, J.-A., “El nacimiento del Campo Freudiano”, *EOL Lacan online*, Presentación del libro, 10/6/23, <https://www.youtube.com/watch?v=gAVcQuaUyYM>

Identities

As identities tradicionais, que gozavam de certa estabilidade, estão em crise. A noção de identidade também está? Ou o empuxo da época é para o “delírio de identidade, acreditar no que se é?”¹⁵

Para Lacan, a “ideia da unidade unificadora é uma mentira escandalosa: Sugiro que considerem a unidade sob outro ângulo. Não como uma unidade unificadora, mas como uma unidade contábil: um, dois, três”¹⁶. Como contável, é determinada pelo Outro, que oferece ao sujeito significantes, aos quais se aliena, não um, mas pelo menos com dois, para se identificar. Assim, ao avesso da ideia de identidade, a psicanálise fala de identificação, evidenciando a não identidade do sujeito consigo mesmo.

Diante do vazio de identidade que é de estrutura, o sujeito se identifica em três vias: identificação imaginária, especular, o narcisismo, a imagem que nos fascina; identificação simbólica, a um emblema, traço simbólico ou insígnia que proporciona um ser; e identificação real, ao modo de gozar, ao sintoma como suplência da ausência da identidade sexual.

O delírio de identidade pode chegar aos nossos consultórios quando provoca “desconforto, agressão, excesso de paixão”¹⁷. A porta de entrada para a análise também pode ser o estranhamento de si mesmo. Pode se tratar, então, de abrir a exploração, já não mais da identidade, mas do campo das identificações, susceptível às alterações, às torções; ou captar quando este estranhamento não convém.

Virtualities

A virtualidade -veiculada pelo *gadget*- é referida, às vezes como obstáculo, outras como solução. A função de separação entre os corpos pode ser *algo do que se dispõe para manter o Outro à distância, um recurso para sustentar-se num laço possível* ou se perceber como isolamento e solidão. Na hiper conectividade experimentada como excesso, instalou-se um novo grupo: o micro conteúdo. *Reels* hiper breves que produzem um efeito no corpo rápido e intenso. As pessoas que se referem a ele

¹⁵ Miller, J.-A., *Donc: La lógica de la cura*, Buenos Aires, Paidós, 2011, p. 118, Tradução livre.

¹⁶ Lacan, J., *Conferencia en Baltimore*, Universidad Johns Hopkins, 21/19/66, Tradução livre.

¹⁷ Indart, J. C., “Identidad y cultura”, (Conferencia Universidad Rafael Landívar), *Metàphora 1*, Guatemala, 2002, Tradução livre.

localizam ali algo do qual é difícil sair, ao qual ficam *enganchadas*. Nessa pluralidade de usos, procuramos a brecha onde se aloja o *fallasser* e seu gozo.

Da imagem

A topologia - demonstrada no esquema óptico de Lacan - de deslizamento entre objeto real e objeto virtual, que promove sua confusão - o próprio eu é uma estrutura virtual - pode se situar no júbilo frente à imagem virtualizada. A imagem virtual serve para animar o próprio corpo, entre outras coisas, porque coloca em jogo a função do olhar. Mas a novidade do *gadget* atual, é que “quase como uma extensão sem corte do corpo, cada vez que você precisa de alguém para olhar para você, você vai encontrá-lo no final do seu braço¹⁸”. A *selfie* permite verificar a própria presença na cena, uma e outra vez. Uma hipótese é que isto surja como uma enorme defesa generalizada contra o vazio do olhar, que não está encarnado, mas ‘deslocalizada’ na *rede*.

Mas, embora “a imagem virtual sirva para animar o próprio corpo (...) sem dúvida faz esquecer o corpo do Outro, que se transforma em um corpo plano”¹⁹.

O novo capitalismo tende à *pixelização de nossas vidas*, o encontro dos corpos vai se perdendo, cada um frente a sua tela, em uma crescente “fixação dos corpos”²⁰.

Do objeto

Também é bom assinalar o que é do corpo que não pode ser especularizado. E que a nova relação entre tecnologia e corpo promove certa disponibilidade do objeto no bolso, que não é sem consequências.

A pulsão é autoerótica, se satisfaz no próprio corpo e nesse sentido, todo gozo é autista. Mas, para a satisfação da pulsão é necessário o objeto que está no campo do Outro. O que acontece no campo do Outro afeta as condições do gozo pulsional.

¹⁸ Veras, M., “Selfie *ergo sum*”, In.: AMP. *Lo real puesto al día, en el Siglo XXI*, v. IX, 2014, Buenos Aires, Grama, 2014, Tradução livre.

¹⁹ Ibid., p. 19, Tradução livre.

²⁰ Sadín, E., Entrevista. *Diario Perfil*, <https://www.perfil.com/noticias/periodismopuro/eric-sadin-la-primera-consecuencia-del-desarrollo-de-la-inteligencia-artificial-en-los-ultimos-quince-anos-por-jorge-fontevecchia.phtml>, jun. de 2023, Tradução livre.

Mas qual é o objeto da experiência virtual? Porque *se isso nos come, é mediante coisas que mexe em nós*²¹. Não se trata apenas do laço com o aparelhinho, mas daquilo que, através dele, faz cócegas em nós. A questão assume outra proporção quando, *via gadget*, “o objeto nunca falta, segue metonimicamente sua trajetória de felicidade”²², configurando uma espécie de alienação à demanda. E se isto favorece a desregulamentação do aparelho fantasmático, como mediador de gozo, “temos a dificuldade de que o objeto a não é orientável”²³, multiplicando experiências de certa deriva, às vezes mais sofridas que outras.

Vivemos na época em que a queda dos semblantes deixou ver aquilo que os semblantes mais estáveis, que antes funcionavam, mantinham velado: a inexistência do Outro. Quando dizemos que o “Nome do Pai pode ser muitas coisas, que qualquer coisa pode funcionar enodando corpo e inconsciente, também pode estar suplantado pela função gadget, que pode ser sintoma da relação sexual que não existe”²⁴.

Assistimos, em tempo real, o surgimento de *softwares* que, a partir da análise algorítmica de nossas ações, podem nos dizer o que fazer. Dotados agora da capacidade de nos falar com vozes de tom humano, criam uma relação de proximidade, cada vez mais íntima. Cabe aqui a questão sobre o estatuto daquilo que podem conseguir, uma vez que deixamos que nos orientem, embora não saibamos o que dizem. Lacan era otimista: “Mas, enfim, nos deixamos comer. Quando nos fartamos, isso se deterá. Fartar-nos-emos?”²⁵.

Uma análise depende da possibilidade de que “o analista em corpo, instale o objeto *a* no lugar do semblante”²⁶. Com toda a ambiguidade motivada por este termo, *em corpo*, está o nó entre a presença do corpo e o mais ainda (fr. *encore*). O “mais uma vez, ainda” que a presença dos corpos produz, talvez constitua hoje a nossa aposta mais ousada.

Tradução: Josefina Elias

Revisão: Glacy Gonzales Gorski e Luis Francisco Camargo

²¹ Lacan, J., *O triunfo da religião, precedido de Discurso aos católicos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1974/2005, p. 55.

²² Veras, M., “Virtual”, *Scilicet: um real para o Século XXI*, Belo Horizonte, Scilicet, 2014, p. 410.

²³ *Ibidem*.

²⁴ Brodsky, G., “El poder de los objetos. El régimen de la pulsión en la sociedad virtual”, *Cythere*, nº 2, 2019, <https://fapol.org/cythere/wp-content/uploads/sites/3/2021/07/CYTHERE-2-2.pdf>

²⁵ *Ibid.*, p. 93.

²⁶ Lacan, J., *O Seminário livro 19: ...ou pior*, Rio de Janeiro, Zahar, 2012, p. 226.

Bibliografia

Sigmund Freud

Freud, S.: (1898) “A sexualidade na etiologia das neuroses”, *ESB das Obras Completas, vol. III*, Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Freud, S.: (1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, *ESB Obras Completas, vol. VII*, Rio de Janeiro: Imago, 1972.

Freud, S.: (1908) “Moral sexual civilizada` e doença nervosa moderna”, *ESB Obras completas, vol. IX*, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S.: (1908) “Caráter e erotismo anal”, *ESB Obras completas vol. IX*, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S.: (1913) “A disposição à neurose obsessiva. Uma contribuição ao problema da escolha da neurose”, *ESB Obras completas vol. XII*, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S.: (1916) “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico”, *ESB Obras completas vol. XIV*, Rio de Janeiro: Imago.1974.

Freud, S.: (1916-1017) “Conferências Introdutórias à psicanálise”, Conferências 16 e 17, *ESB Obras Completas, vol. XV*, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. (1921) “Psicologia de grupo e análise do ego”, *ESB Obras Completas, vol. XVIII*, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. (1923) “O ego e o id”, *ESB Obras Completas, vol. XIX*, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S.: (1926 [1925]) “Inibições, sintomas e ansiedade”, *ESB Obras Completas, vol. XX*, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S.: (1933 [1932]) “Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise”, Conferência 30: “Sonho e ocultismo”, *ESB Obras Completas*, vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago 1976.

Jacques Lacan

Lacan, J.: (1948) “A agressividade na psicanálise”, In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pp.104-126.

Lacan, J.: (1966) “Conferência em Baltimore”, Conferência pronunciada no *Colégio Internacional* da Universidad Johns Hopkins (Baltimore) sobre «As linguagens críticas e as ciências do homem», 21 de outubro de 1966, inédito.

Lacan, J.: (1964) O Seminário, *Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

Lacan, J.: (1969-1970) O Seminário. *Livro 17, O avesso da Psicanálise*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2002.

Lacan, J.: (1971-1972) O Seminário, *Livro 19, ...ou pior*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2012.

Lacan J.: (1972-1973) O Seminário, *Livro 20, mais, ainda*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008.

Lacan, J.: (1973-1974) “O Seminário 21: Os não tolos erram”, aula do 1-12-73, inédito.

Lacan, J.: (1974-1975) “O Seminário 22: RSI”, aula do 15/4/75, inédito.

Lacan, J.: (1973) “Posfácio ao *Seminário 11*”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Lacan, J. (1974) O triunfo da *religião, precedido de Discurso aos católicos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2005.

Jacques-Alain Miller

Miller, J.-A., “C.S.T.”, *Clínica Lacaniana. Casos clínicos do Campo Freudiano. Irma*. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.

Miller, J.- A.: *La experiencia de lo real, Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller* Paidós, Buenos Aires., 2004.

Miller, J.- A.: *El Otro que no existe y sus comités de ética, Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller* (con colaboración de Éric Laurent), Paidós, Buenos Aires., 2005.

Miller, J.- A.: *El partenaire-síntoma, Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller* Paidós, Buenos Aires., 2008.

Miller, J.-A., “C.S.T.”, *Clínica Lacaniana. Casos clínicos do Campo Freudiano. Irma*. Rio de Janeiro, Zahar, 1989, p. 12.

Miller, J.- A.: *Donc: La lógica de la cura, Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller* Paidós, Buenos Aires., 2011.

Miller, J.- A.: *El ultimísimo Lacan, Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller* Paidós, Buenos Aires., 2012.

Miller, J.- A. *El lugar y el lazo, Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller* Paidós, Buenos Aires., 2013.

Miller, J.- A.: “Uma fantasia”. In: *Opção Lacaniana*. São Paulo, n. 42, 2005.

Miller, J.- A.: “O inconsciente e o corpo falante”. In: *O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante*. Zahar, Rio de Janeiro, 2015.

Miller, J.- A.: “Todo mundo é louco. AMP 2024”, Opção *Lacanianana* n° 85, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo: Eólia, 2022.

Miller, J.- A.: “El nacimiento del Campo Freudiano”, *EOL Lacan online*, Presentación del libro, 10 de junio de 2023, <https://www.youtube.com/watch?v=gAVcOuaUyYM>

Outros autores:

AA-VV: “Argumento XI ENAPOL: Começar a analizar-se”.
<https://fapol.org/blog/portfolio-items/xi-enapol-argumento-y-ejes-tematicos/?portfolioCats=64>

Brodsky, G.: “Elogio de la virtualidad”, *Blog de la EOL Sección La Plata* N° 8, 2016.
<https://blog.eol-laplata.org/elogio-de-la-virtualidad/>

Brodsky, G.: “El poder de los objetos. El régimen de la pulsión en la sociedad virtual”.
Cythere N° 2, 2019,
<https://fapol.org/cythere/wp-content/uploads/sites/3/2021/07/CY THERE-2-2.pdf>

Brousse, M. H.: “Las identidades, una política, la identificación, un proceso, y la identidad, un síntoma”, Texto de orientación XVI Jornadas de la ELP, 2017.
<https://identidades.jornadaselp.com/textos-y-bibliografia/texto-de-orientacion/las-identidades-una-politica-la-identificacion-un-proceso-y-la-identidad-un-sintoma/>

Di Ciaccia, A., “Lo singular”, *Una práctica de la época. El psicoanálisis en lo contemporáneo*, Grama, Buenos Aires., 2005.

Fuentes, A.: “Hacerse incauto de un real en la clínica del *parlêtre*”, *Freudiana* N° 92, Revista de psicoanálisis de la Escuela Europea de Psicoanálisis, Catalunya, 2021.

Focchi, M.: *Síntomas sin inconsciente en una época sin deseo*, Tres Haches, Buenos Aires. 2012.

Freuchtnicht, V. “La orientación es el síntoma” en *Una práctica de la época. El psicoanálisis en lo contemporáneo*, Grama, Buenos Aires. 2005.

Harari, A.: “O delirio de identidade nos inícios das análises”, Texto de orientação XI ENAPOL.

<https://enapol.com/xi/portfolio-items/el-delirio-de-identidad-en-los-inicios-de-los-analisis/?portfolioCats=147>

Laurent, É. “Sorpresas y trastornos en la cura psicoanalítica”, *Síntoma y Nominación*. Colección Diva. Buenos Aires. 2002.

Laurent, É.: *Las paradojas de la identificación*, EOL Paidós, Colección de la Orientación Lacaniana, Buenos Aires., 1999.

Laurent,É.: “El delirio de un inconsciente sin el síntoma”, *Inconsciente y síntoma*, XV Jornadas anuales de la EOL, Grama, Buenos Aires, 2009.

Laurent, É.: “La lógica de las entradas en análisis”, *Freudiana* N° 15, Revista de psicoanálisis de la Escuela Europea de Psicoanálisis, Catalunya, 2015.

Laurent, É.: “El traumatismo del final de la política de las identidades”, *¡Identificate!* N° 9, Boletín de las XVI Jornadas de la ELP. 2017, <http://ampblog2006.blogspot.com/2017/08/identificate-numero-9-boletin-de-las.html>

Indart, J. C.: “Identidad y cultura”, Conferencia dictada en la Universidad Rafael Landívar, *Metàphora n° 1*, Guatemala, 2002.

Ons, S. “Prólogo”, *Inconsciente y síntoma*, XV Jornadas anuales de la Escuela de la Orientación Lacaniana, EOL grama, Buenos Aires. 2009.

Prandi, M. “Abrazar la muerte”, *Una práctica de la época. El psicoanálisis en lo contemporáneo*, Grama, 2005.

Sadín, E. “Entrevista”, *Diario Perfil*, junio 2023, <https://www.perfil.com/noticias/periodismopuro/eric-sadin-la-primera-consecuencia-del-desarrollo-de-la-inteligencia-artificial-en-los-ultimos-quince-anos-por-jorge-fontevecchia.phtml>

Tarrab, M.: “La certeza de la angustia”, *Una práctica de la época. El psicoanálisis en lo contemporáneo*, Grama, 2005.

Tudanca, L.: *De abonados y desabonados*, Texto de orientação XI ENAPOL, <https://enapol.com/xi/portfolio-items/de-abonados-e-desabonados/>

Veras, M.: “Virtual”, *Scilicet. Um real para o Século XXI*, Scriptum, Belo Horizonte, 2014, p. 410.

Veras, M.: “Selfie ergo sum”, *Lo real puesto al día, en el Siglo XXI*, Volumen del IX Congreso de la AMP 2014, Grama, Buenos Aires., 2014.

Verhaeghe, P. “El diagnóstico psicoanalítico: el síntoma entre neurosis actual y psiconeurosis”, *Diversidad del síntoma*, Colección Orientación Lacaniana EOL, Buenos Aires., 1996.

Vieira, M. A.: “Conferencia en la Universidad Nacional de Córdoba «Sexo, género y discurso»”, en el marco del Seminario Internacional del CIEC: *Narcisismos. Soluciones y distorsiones del cuerpo*, 2023, inédito.

Vittar, H.: “¿Cómo leer y tratar el campo de la agresividad?”, Seminario Anual del CIEC, *5 problemas clínicos*, 2022, inédito.